

aeroplanos

O presente número: *aeroplanos* contempla a linha de pesquisa Poéticas Contemporâneas do nosso programa e busca discutir a produção em arte enquanto processo utópico.

Acreditamos que certos parâmetros presentes na prática artística e.g. lentidão, *non-sense*, desfuncionalidade, distração, errância entre outros, podem ser linhas de fuga atraentes para os complexos desafios do contemporâneo. Em um tempo onde o imaginário é permanentemente desvalorizado e visto como uma ameaça ao modelo produtivo de consumo superficial e imediato, a utopia permanece como uma plataforma desejada para vislumbramos planos improváveis.

Uma geografia aérea que, a um só tempo, impõe a distância que nos faz ver e nos lança de volta vendo o que antes não se via. Nesse aeroplano não sobrevoamos como quem não deseja aterrissar, muito pelo contrário, como artistas, privilegamos um pensamento nômade que desaloja porque se refaz continuamente. Tempos de areia. Esse movimento solicita outros pontos de visão, desvela o fluxo de um mundo vivido, incita a tecer outras coordenadas, inusitadas correlações, audaciosos processos artísticos (mesmo quando exercidos em diminutas ações).

Assim, discutiremos neste número a utopia como a suspensão do presente que reivindica a mentira como verdade poética e, com isso, a construção de percursos improváveis como prática artística; a poética de Mira Schendel a partir da repetição de gestos sensíveis que, de acordo com a artista, funcionariam para ativar o vazio; a espessura do texto pela contemplação de elementos visuais implícitos no espaço da escrita que nos conduzem para além de seu sentido linguístico; a noção de acontecimento no processo artístico; o exercício experimental da liberdade nas primeiras obras de Paulo Bruscky e Eduardo Kac; o imaginário de queda no qual se insere o sujeito da arte, como uma abordagem possível do percurso da

subjetividade e estética contemporâneas; a falência da casa e a possibilidade da arte como ciência da perturbação ter a potência de reanimar-lhe, soprando e derrubando-lhe as paredes, símbolos de fechamento e imobilidade; as distintas formas de se narrar uma viagem que nos coloca diante de um estranho paradoxo: o extremamente próximo é um vasto mundo e por fim um método-artifício, de cambaleante andar, que considera uma aérea e frágil malha como uma possibilidade de traçar outras viagens.

Não ter plano. Não seguir planos. Criar métodos-roteiros indefinidos de viagens. Desfazer-se deles. Ser geógrafo e astrônomo. Cosmonauta e mergulhador. Olhar a terra como se olha o céu. (Re)pouso. Aéreo delta... Desacoplar....

Nossos sinceros agradecimentos aos nossos companheiros de voo: Cecília Mori, Christus Nóbrega, Iracema Lecourt, Luciana Paiva, Regina de Paula, Simone Osthoff e Yana Tamayo.

Boa leitura de bordo,

Karina Dias e Gê Orthof

Organizadores